

IA no luto: uso de ferramentas generativas para criar simulações de pessoas falecidas¹

Manuella Caputo Barreto²
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre o emprego da Inteligência Artificial generativa para criar representações de pessoas falecidas, como meio para vivenciar o luto e agir sobre a memória de entes queridos. A partir da análise de três casos emblemáticos, argumentamos que tal prática produz efeitos não só na dimensão afetiva, como também nos eixos econômico, político e ético. Por fim, destacamos a urgência da regulação das novas tecnologias digitais como a IA generativa nacionalmente.

PALAVRAS-CHAVE

Inteligência Artificial; ética e IA; luto.

Introdução

O luto é mais uma das experiências humanas que passou a ser vivida, compartilhada e mediada pelas plataformas digitais. Desde os primórdios das redes sociais on-line no Brasil, como na era do Orkut, se tornou comum a prática de substituir a foto de perfil por uma imagem com a palavra “LUTO” quando o usuário perde um ente querido. A imagem geralmente é apresentada em uma estética padrão, em preto e branco e, talvez, com a ilustração de uma rosa ou uma fita preta. Plataformas vêm e vão, mas a prática perdura até hoje no WhatsApp.

Em um segundo momento, a disseminação da presença digital trouxe outra questão: o que acontece com o perfil do usuário quando ele morre? A Meta já tem um protocolo em atividade para essa situação. Como em um testamento, no Facebook, o usuário pode decidir se, após seu falecimento, o perfil será excluído ou transformado em memorial.³

Dentre as várias nuances experimentadas na categoria de luto e tecnologias digitais, um novo marco parece se desenrolar agora, com a popularização das Inteligências Artificiais (IAs) generativas. As IAs generativas são conceituadas como

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Inteligência Artificial: usos e perspectivas críticas, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Mestranda em Comunicação e Cultura no PPGCOM UFRJ, pesquisadora do MediaLab.UFRJ e bolsista CAPES, email: manuella-caputo432@gmail.com.

³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/help/contact/234739086860192>>. Acesso em: 29 mar. 2025.

tecnologias capazes de gerar textos, áudios e imagens sob demanda. Ferramentas do gênero como o ChatGPT e MidJourney são alimentadas por bancos de dados massivos que as permitem produzir conteúdos de mídia com base na solicitação do usuário. Como observam Pasquinelli e Joler (2020), “a modalidade generativa de aprendizado de máquina teve um impacto cultural: seu uso na produção de artefatos visuais foi recebido pelos meios de comunicação de massa como a ideia de que a inteligência artificial é ‘criativa’ e pode autonomamente fazer arte”.

Nesse contexto, esses produtos passaram a ser consumidos também para criar simulações digitais de pessoas falecidas. Familiares e amigos enlutados estão alimentando essas plataformas com os rastros digitais - fotos, vídeos, publicações em redes sociais e mensagens de áudio - de seus entes queridos na tentativa de que as IAs fabriquem registros de quem não está mais aqui.

As IAs generativas por si só levantam uma série de questões éticas ao se analisar todo o fluxo de operação dessas ferramentas: como ficam os direitos autorais dos dados coletados? Quais os riscos políticos, econômicos e sociais da disponibilização desses produtos? E, associando essa emergência ao luto, quais os impactos afetivos, psicológicos e emocionais para quem utiliza essas ferramentas para lidar com a perda de um ente querido?

O tema propõe reflexões importantes sobre as IAs generativas. Para dar início a essas considerações, expõe-se a seguir três casos emblemáticos da intervenção dessas ferramentas na lembrança de pessoas falecidas.

1. Deepfake da cantora Elis Regina para comercial da Volkswagen

Em julho de 2023, para celebrar os 70 anos da empresa no Brasil, a Volkswagen lançou peça publicitária com uma deepfake da cantora Elis Regina,⁴ falecida em 1982. Deepfake é uma técnica do campo da IA generativa que permite, dentre outras possibilidades, a reconstituição de rostos e a manipulação de expressões faciais (SOMAINI, 2023, p. 94). Nesse caso, foi aplicada ao rosto de uma atriz dublê que, no vídeo, é substituído pelo de Elis Regina. A simulação contracena com a também cantora e filha de Elis, Maria Rita. As duas chegam a fazer um dueto da canção “Como nossos pais”, que ficou famosa na voz da mãe - também utilizada no comercial.

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aMl54-kqphE>>. Acesso em: 29 mar. 2025.

É curioso que, como noticiou o portal g1,⁵ a Volkswagen tenha divulgado que “o processo de edição contou com a ajuda de uma tecnologia de redes neurais artificiais”. As redes neurais remontam à essência do modelo de Inteligência Artificial conexionista, do qual deriva a técnica deepfake. Na história da IA, observa-se a disputa entre dois modelos: o simbólico, que funciona a partir de instruções e premissas; e o conexionista, que opera a partir da observação dos dados, reconhecendo e aprendendo padrões, gerando premissas e regras. O termo “redes neurais” surge do entendimento pelos primeiros defensores do conexionismo, na década de 50, de que as máquinas inteligentes deveriam se basear na arquitetura do cérebro (CARDON, 2018).

À época do lançamento da propaganda, a deepfake de Elis Regina também suscitou debates a respeito da autorização para sujeitar a imagem de pessoas falecidas a esse tipo de tecnologia e, de modo mais abrangente, sobre a regulamentação da Inteligência Artificial no Brasil. Apesar de não existir legislação específica para o caso, o Código Civil brasileiro já indica que o cônjuge ou familiares exerçam a defesa dos direitos inerentes à personalidade da pessoa falecida.⁶

2. DeepNostalgia

Este caso que se popularizou ainda durante a pandemia de Covid-19, no primeiro semestre de 2021. A DeepNostalgia é uma tecnologia oferecida pela empresa MyHeritage, cuja proposta é animar os rostos em fotografias de parentes falecidos. Como explica a companhia, a ferramenta usa vários drivers que consistem em vídeos com sequências fixas de movimentos e gestos que, por sua vez, são empregados nas fotos carregadas na plataforma pelos usuários.

Na página da MyHeritage sobre a DeepNostalgia, há um pequeno FAQ onde chamam a atenção as escolhas discursivas da empresa em duas respostas: “Esse recurso é para uso nostálgico, ou seja, para trazer ancestrais queridos de volta à vida” e “No entanto, o resultado final não é autêntico, mas sim uma simulação tecnológica de como a pessoa em sua foto teria se movido e olhado se fosse capturada em vídeo”.⁷

⁵ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2023/07/04/elis-regina-aparece-cantando-ao-lado-da-filha-maria-rita-em-campanha-da-volkswagen-feita-com-inteligencia-artificial.gh.html>>. Acesso em: 29 mar. 2025.

⁶ Disponível em: <<https://www.migalhas.com.br/depeso/395679/deepfake-e-inteligencia-artificial>>. Acesso em: 29 mar. 2025.

⁷ Disponível em: <<https://www.myheritage.com.br/deep-nostalgia>>. Acesso em: 29 mar. 2025.

A primeira porque equivale a manipulação de imagens de entes queridos a algo como uma ressuscitação. No âmbito do tecnosolucionismo, o falseamento de movimentos e gestos fabricados por uma máquina se aproxima mais de eternizar alguém do que a simples lembrança pelo indivíduo da experiência compartilhada com a pessoa falecida. Quanto à segunda declaração, a companhia esclarece que o resultado não é autêntico, mas sim uma simulação; por outro lado, há uma confiança preditiva em afirmar que as entregas da ferramenta traduzem como a pessoa na imagem teria se movido e olhado se tivesse sido filmada. Esse posicionamento não surge com a IA generativa nem é novidade para o mundo da tecnologia, tendo sido legitimado também por softwares de análise de emoções. Como aponta Ruben van de Ven (2017):

a história do software de análise emocional pode servir como um estudo de caso para reivindicações que são comuns em uma narrativa mais ampla de big data: que o uso da análise de dados massivos poderia criar uma perspectiva extra-humana e objetiva sobre a condição humana. (VAN DE VEN, 2017, tradução nossa)⁸

Um passo à frente da DeepNostalgia, a empresa oferece a ferramenta DeepStory,⁹ que permite ao usuário solicitar uma vídeo-biografia de um antepassado a partir do envio de foto e texto. Como resultado, a plataforma retornará uma animação da foto assim como na DeepNostalgia só que, desta vez, os movimentos são para simular a interpretação do texto enviado por meio de voz gerada artificialmente.

Olhando para a demanda de muitos de se conectar com sua ancestralidade e lembrar o passado, a MyHeritage tem expandido o uso de IA generativa em seus serviços. No entanto, não há como impedir um usuário de se aproveitar dessas ferramentas para criar simulações de pessoas vivas a partir da imagem de pessoas públicas - uma receita para a desinformação política.

3. Simulação de voz de vítima de violência armada para mobilização a favor do controle de armas

No início de 2024, o The Wall Street Journal publicou uma entrevista em vídeo¹⁰ com os pais de Joaquin Oliver, adolescente assassinado em tiroteio na escola. A partir de ferramenta de IA generativa, os pais de Joaquin permitiram que uma simulação de

⁸ No original: “the story of emotion analysis software can serve as a case-study for claims that are common in a broader big data narrative: that the use of massive data analysis could create an extra-human, objective perspective on the human condition”.

⁹ Disponível em: <<https://www.myheritage.com.br/deepstory>>. Acesso em: 29 mar. 2025.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=h3VZjuttZbQ>>. Acesso em: 29 mar. 2025.

sua voz fosse criada e posteriormente utilizada em campanha pelo controle de armas nos Estados Unidos.

Após a tragédia, eles fundaram a organização Change The Ref,¹¹ e, juntos com a organização March for our Lives, criaram a campanha The Shotline,¹² que disponibiliza uma plataforma com mensagens em áudio geradas por IA, com as vozes de Joaquin e outras vítimas fatais de arma de fogo, que podem ser encaminhadas através do site para parlamentares estadunidenses como forma de pressão política.

Nesse caso, o luto ganha novos contornos. A causa da morte prematura de um jovem está diretamente ligada com um problema político, econômico e histórico dos EUA. O contexto compeliu os pais a se mobilizarem de forma organizada para que as histórias do filho e de inúmeras outras vítimas da violência armada sejam reconhecidas e, esperançosamente, provoquem mudanças no controle de armas.

Paralelamente, o tema é extremamente pessoal e afetivo. Para criar as vozes e mensagens “de Joaquin”, a ferramenta foi alimentada com mensagens de áudio e vídeos do jovem. Além disso, para os roteiros que seriam interpretados pela IA, os pais recorreram às publicações do filho nas redes sociais.

Na entrevista ao WSJ, são notáveis os depoimentos da mãe sobre a experiência de ouvir a voz gerada em IA pela primeira vez. Ela relata que “Era exatamente como ele. Foi tão impactante e tão profundo que eu quis mais” e, em outro momento: “Eu tive a chance de ouvir sua voz de novo, isso encheu meu coração e me trouxe um sorriso” (tradução nossa).

Conclusão

Como evidenciam o relato da mãe de Joaquin, as ferramentas de Inteligência Artificial Generativa estão impactando não apenas na economia ou na política, mas nas emoções humanas. Esse é um cenário já destrinchado por Ricaurte (2022, p. 736), quando argumenta:

“A dataficação, a mediação algorítmica e a automação são processos epistêmicos de IA que funcionam cognitivamente, emocionalmente e fisicamente para formar visões de mundo e métodos de resposta e compreensão da existência social” (tradução nossa).¹³

¹¹ Disponível em: <<https://changetheref.org/>>. Acesso em: 29 mar. 2025.

¹² Disponível em: <<https://www.theshotline.org/>>. Acesso em: 29 mar. 2025.

¹³ No original: “Datafication, algorithmic mediation and automation are AI epistemic processes that function cognitively, emotionally and physically to form worldviews and methods of responding to and comprehending social existence”.

A criação de simulações de vozes, imagens e vídeos de pessoas falecidas pode dar novas nuances à forma como estamos habituados a lidar com o luto. A rememoração do ente querido que antes podia se apoiar em fotos físicas, ganhou novas camadas com os perfis memoriais nas redes e, agora, com a fabricação de lembranças artificiais através da IA generativa.

Interferindo em um tema tão sensível, a Inteligência Artificial Generativa abarca uma série de questões que demandam regulação. No Brasil, o substitutivo ao PL 2338/2023, que dispõe sobre a regulação da IA no país, foi aprovado pelo Senado e tramita agora na Câmara dos Deputados. No âmbito do governo federal, foi lançado o Plano Brasileiro de Inteligência Artificial 2024-2028, que “visa transformar o país em referência mundial em inovação e eficiência no uso da inteligência artificial, especialmente no setor público”.¹⁴ Porém, mais do que cumprir esses objetivos, é preciso considerar uma “ética para o mundo majoritário” que leve em consideração os impactos afetivo-subjetivos, culturais, epistêmicos, individuais e coletivos da Inteligência Artificial (RICAURTE, 2022).

REFERÊNCIAS

CARDON, Dominique; COINTET, J. P.; MAZIÈRES, A. **A Vingança dos Neurônios: a invenção das máquinas indutivas e a controvérsia da Inteligência Artificial.**

PASQUINELLI, Matteo & JOLER, Vladan. **O Manifesto Nooscópio: Inteligência Artificial como instrumento de extrativismo do conhecimento.** Disponível em: <<https://lavits.org/o-manifesto-nooscopio-inteligencia-artificial-como-instrumento-de-extrativismo-do-conhecimento/>>. Acesso em: 29 mar. 2025.

RICAURTE, Paola. Ethics for the majority world: AI and the question of violence at scale. **Media, Culture & Society**, 2022.

SOMAINI, Antonio. Algorithmic Images: Artificial Intelligence and Visual Culture. **Grey Room** (2023) (93): 74–115.

VEN, Ruben van de. **“Choose How You Feel; You Have Seven Options”.** Institute of network cultures. Janeiro de 2017.

¹⁴ Disponível em:

<[6](https://www.gov.br/lccc/pt-br/assuntos/noticias/ultimas-noticias-1/plano-brasileiro-de-inteligencia-artificial-pbia-2024-2028.>. Acesso em: 29 mar. 2025.</p></div><div data-bbox=)